

REFLEXOS DA ESPECIALIZAÇÃO DA CIÊNCIA BRASILEIRA NA GAZETA MÉDICA DA BAHIA (1900-1934)

Reflections of the specialization of Brazilian science in *Gazeta Médica da Bahia* (1900-1934)


Reflexiones sobre la especialización de la ciencia brasileña en la *Gazeta Médica da Bahia* (1900-1934)


Davilene Souza Santos

Doutora em História das Ciências

Universidade Federal da Bahia

Salvador, Bahia, Brasil

davilenes13@gmail.com 

<https://orcid.org/0000-0002-1734-7698> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

A busca pela especialização no campo educacional e científico foi um fenômeno identificado no Brasil a partir do limiar do século XX. Iniciativas sociais e políticas emergiram e incentivaram projetos nos quais a educação secundária e superior estivesse pautada na fragmentação do conhecimento tanto de cunho humanístico quanto científico. Este artigo analisa os reflexos dessa perspectiva no campo da comunicação científica, sob a qual esteve inserida a revista *Gazeta Médica da Bahia* entre os anos de 1900 e 1934. Fundado em 1866, esse periódico enfrentou um cenário social da ciência adverso após a década de 1930 que aponta para a sua suspensão em 1935. O Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg (1989) sugere que sinais, indícios e vestígios da história ampliam a visão do pesquisador, assim, sob o aporte dessa metodologia, evidencia-se que além das características de cunho estrutural da *Gazeta*, aspectos ligados a novos panoramas culturais da ciência, como a ideia do especialista, contribuíram para a decadência e descrédito da revista, culminando com o seu desaparecimento do cenário nacional.

PALAVRAS-CHAVE: História da Ciência. Especialização da ciência. Comunicação científica. *Gazeta Médica da Bahia*.

ABSTRACT

The pursuit of specialization in the educational and scientific fields was a phenomenon identified in Brazil at the turn of the 20th century. Social and political initiatives emerged and encouraged projects in which secondary and higher education were grounded in the fragmentation of knowledge, both humanistic and scientific. This article analyzes the repercussions of this perspective in the field of scientific communication, within which the journal *Gazeta Médica da Bahia* was situated between 1900 and 1934. Founded in 1866, this periodical faced an adverse social scenario for science after the 1930s, leading to its suspension in 1935. Carlo Ginzburg's (1989) "Evidential Paradigm" suggests that signs, clues, and traces of history broaden the researcher's perspective. Thus, drawing on this methodology, it becomes evident that, in addition to the structural characteristics of the *Gazeta*, aspects related to new cultural frameworks of science—such as the idea of the specialist—contributed to the decline and loss of credibility of the journal, ultimately culminating in its disappearance from the national scene.

KEYWORDS: History of Science. Specialization of Science. Scientific communication. *Gazeta Médica da Bahia*

RESUMEN

La búsqueda de especialización en el campo educativo y científico fue un fenómeno identificado en Brasil desde principios del siglo XX. Surgieron iniciativas sociales y políticas que impulsaron proyectos en los que la educación secundaria y superior se basaba en la fragmentación de conocimientos de carácter tanto humanístico como científico. Este artículo analiza las consecuencias de esta perspectiva en el campo de la comunicación científica, en el que se insertó la revista *Gazeta Médica da Bahia* entre los años 1900 y 1934. Fundada en 1866, esta revista enfrentó un escenario social adverso de la ciencia después de los años 1930, que apunta a su suspensión en 1935. Indices Paradigm (1989), de Carlo Ginzburg, sugiere que signos, pistas y huellas de la historia amplían la visión del investigador, así, bajo el apoyo de esta metodología, se evidencia que además de las características estructurales de la *Gazeta*, aspectos vinculados a nuevos panoramas culturales de la ciencia, como la idea del especialista, contribuyeron a la decadencia y descrédito de la revista, culminando con su desaparición del escenario nacional.

PALABRAS CLAVE: Historia de la Ciencia. Especialización en ciencias. Comunicación científica. *Gazeta Medica da Bahia*

1 INTRODUÇÃO

O advento da especialização no campo educacional e científico no Brasil apresenta-se como uma perspectiva que ancorou o discurso de alguns intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo e Gilberto Freyre do início do século XX. Contrários a generalização e a complexidade educacional de um ensino amplo, com disciplinas voltadas tanto aos aspectos humanísticos quanto científicos, parte de um corpo intelectual brasileiro incentivou e investiu em políticas que possibilitasse a fragmentação do conhecimento humano e científico (Sá, 2006).

Diante do exposto, este artigo analisa os reflexos dessa cultura social brasileira no âmbito da comunicação científica por meio da *Gazeta Médica da Bahia* (GMB). Fundado em 1866, esse periódico circulou em diversas províncias e estados do país, além de Paris, na França, país no qual possuía um correspondente específico autorizado. Por meio da análise da trajetória da revista, que percorreu os espaços da comunicação da ciência por quase 70 anos, até 1934, nota-se que os últimos 30 anos de circulação foram desafiadores no sentido da manutenção e permanência no cenário científico.

Criado em solo baiano, o periódico foi símbolo de representatividade da medicina exercida na localidade. Contou com a união do grupo fundador representado pelo Dr. Silva Lima, Dr. Otto Wucherer e o Dr. John Paterson, integrando assim o que ficou conhecido no século XX como formadores de uma Escola Tropicalista Bahiana (Coni, 1952). O objetivo do grupo foi ampliar e dar visibilidade a pesquisas realizadas tanto no Hospital da Santa Casa de Misericórdia da Bahia e do Hospital destinado à comunidade inglesa, quanto a algumas relacionadas a atendimentos particulares. Promotor de reuniões científicas quinzenais que possibilitou a criação da GMB em 1866, Dr. Paterson chegou a ser

conhecido como 'Pai dos pobres', diante dos atendimentos gratuitos destinados a pessoas mais desprovidas de Salvador, cidade da Bahia (Lima, 1886, 1887).

A tríade fundadora ainda contou com outros médicos da Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb), contudo, manteve independência da primeira instituição de ensino superior do Brasil. Agregou ao quadro colaborativo o então estudante de medicina da instituição, Antonio Pacífico Pereira, que veio a ser um dos mais longevos diretores do periódico. Por quase 50 anos esse médico exerceu a função de diretor da GMB e após a sua morte, em 1922, percebe-se um desalinhamento da revista que ficou sob a curadoria e responsabilidade do Dr. Aristides Novis entre 1922 e 1934, suspensa a partir de 1935. Assim, esta investigação tem por premissa que a suspensão da revista esteve ligada tanto a aspectos estruturais próprios da comunicação, quanto por questões de natureza social e política como o advento da especialização no âmbito da educação e ciência brasileira no século XX.

Este texto analisa os reflexos das iniciativas de especialização do campo científico para a GMB na era nacionalista brasileira, identificando os aspectos relativos às transformações sociais, culturais, políticas e científicas que porventura tenham contribuído para a suspensão do periódico, ancorada na Sociologia da Ciência de Pierre Bourdieu (2004, 2007). Ademais, por meio do Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1989), que propõe a identificação de vestígios, sinais e indícios em documentos e objetos para alcançar informações, dados e características de fatos históricos, verificou-se alguns aspectos do investimento na especialização educacional e científica que pautaram modificações também na comunicação da ciência, por um lado potencializando-a e por outro extinguindo alguns desses canais.

Conclui-se que para além de fatores econômicos e editoriais, a GMB sofreu a pressão da cultura científica elencada na imagem do especialista (Sá, 2006), posto que diferentemente do esperado, abordava diversos temas no campo médico, educacional e social, o que lhe atribuíra um escopo generalista no âmbito das ciências. Assim, o que outrora foi um trunfo, um projeto investigativo amplo, tornou-se um entrave epistemológico nas expectativas sociais e científicas que apontava para a fragmentação do conhecimento como forma de apreensão, segundo a intelectualidade da época, que buscou promover e adequar o país em um contexto internacional da especialização.

2 GAZETA MÉDICA DA BAHIA E A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A sociedade brasileira conheceu o ensino superior no país somente a partir de 1808. Antes disso, Portugal detinha o monopólio tanto do acesso aos cursos universitários, quanto aos textos e obras que poderiam circular na colônia. Todavia, com a chegada da Corte Imperial Portuguesa ao Brasil, em virtude das Guerras Napoleônicas que ocorriam na Europa desde os anos finais do século XVIII, instituições de natureza educacional, cultural e financeira foram fundadas em vistas da manutenção de uma sociedade que se formava a partir daquele momento em solo brasileiro. Assim, evidencia-se a criação da primeira Escola Superior de Cirurgia na Bahia e a Escola Superior de Anatômica e Cirúrgica e Médica no Rio de Janeiro em 1808¹.

Embora constituídas as instituições de ensino no Reino Unido a Portugal, somente 10 anos após a independência do país, ocorrida em 1822, verifica-se a criação de duas Faculdades, na Bahia e no Rio de Janeiro, originadas a partir das Escolas da primeira década do século XIX. No contexto da criação da Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb) em 1832, e do franco desenvolvimento da ciência ao redor do mundo, a exemplo da França, Alemanha e Estados Unidos, surgiu a *Gazeta Médica da Bahia* (GMB) na década de 1860. Periódico científico criado por uma associação de médicos independentes na província da Bahia, no ano de 1866, foi idealizado por alguns doutores de origem estrangeira, como Otto Edward Henry Wucherer (1820-1873), alemão, John Ligertwood Paterson (1820-1882) e José Francisco da Silva Lima (1826-1910), português, contando ainda com a participação de um número reduzido de professores da Fameb.

No que pese a comunicação da ciência, Meadows (1999, p. 1) aponta que “[...] a informação científica em forma impressa existe há muitos anos, mas uma análise dos produtos físicos – especialmente revistas e livros científicos – mostra que sua aparência passou, com o tempo, por notáveis transformações”. Desse modo, pesquisas alinhadas às trajetórias de periódicos científicos permitem conhecer a respeito da sociologia da ciência, posto que a comunicação científica efetivada por meios desses canais envolve agentes e instituições científicas que apresentam dinâmicas que se relacionam com o panorama social amplo, além do político e cultural de um país (Bourdieu, 2004, 2007).

¹ Conforme disposto no Arquivo Nacional “[...] pela decisão n. 2, de 18 de fevereiro, e pelo decreto de 2 de abril de 1808. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/1544-faculdades-de-medicina-da-bahia-e-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 12 ago. 2025.

A GMB ganhou notoriedade por ter sido um dos periódicos que circulou em diversas províncias do Brasil, na Europa e permaneceu em atividade por quase 70 anos, entre 1866 e 1934. Com a liberação da produção de textos, livros e materiais educacionais em terras brasileiras, diversos produtos foram circulados, dentre eles algumas revistas de cultura geral, como almanaques, além de periódicos denominados como científicos, contudo com presença efêmera e de representatividade limitada.

Os objetivos para a criação dessa revista científica da área médica podem ser conferidos em sua primeira edição, que destaca a necessidade desse instrumento em prol da legitimação da profissão, buscando “[...] concentrar, quando possível, os elementos activos da classe medica, a fim de que, mais unidos e fortificando-se mutuamente, concorram para aumentar-lhe os créditos, e a consideração pública” (Gazeta Medica da Bahia, 1866, p. 3). Ademais, acrescenta que visava:

[...] difundir **todos os conhecimentos** que a observação própria ou alheia nos possa revelar; acompanhar o progresso da sciencia nos paizes mais cultos; estudar as questões que mais particularmente interessam ao nosso paiz; e pugnar pela união, dignidade e independencia da nossa profissão (Gazeta Medica da Bahia, 1866, p. 3, grifo próprio).

Observa-se que as pretensões dos fundadores e do corpo administrativo da revista eram audaciosas em termos de abrangência, seja no âmbito do trânsito que desejam atingir, nacional e internacional, quanto a amplitude do conhecimento que almejavam abarcar, posto que buscavam difundir “todos os conhecimentos” que fossem passíveis da observação médica. Essa característica generalista foi o pilar de sustentação da GMB se considerarmos que percorreu caminhos que de certa maneira, por vezes, tangenciavam a medicina e aportavam tanto no ensino superior quanto em aspectos sociais e políticos que envolviam, com certeza, um ou outro ponto ligado às ciências médicas.

Por meio de uma obra de referência intitulada *Gazeta Médica da Bahia: Índice Cumulativo 1866-1976*, publicada em 1984 e de autoria da bibliotecária e secretária da GMB em sua segunda fase, entre 1966 e 1972, e do médico Rodolfo Teixeira, é possível perceber que entre 1866 e 1934 o periódico publicou mais de 3.000 mil artigos. Esses textos quando recuperados apontam que diversas foram as áreas nas quais a *Gazeta* se envolveu, levando ao público artigos relacionados com a medicina tropical, pela qual ficou notoriamente conhecida a expertise dos envolvidos com o periódico (Peard, 1990, 1999; Santos, 2008, 2012; Santana, 2013), além de outras múltiplas temáticas.

A higiene pública apresenta-se como umas maiores investidas do corpo colaborador da revista. A pesquisadora Lilia Schwarcz (1993) ao realizar estudos sobre antropologia e

população negra, destaca que a GMB repercutiu a higiene pública em mais de 600 artigos. Entretanto, ressaltamos que, devido à ausência de especialidades médicas, ainda inexistentes no período primário da investigação, entre 1870 e 1930, esse quantitativo pode apresentar distorções passíveis de novas verificações mais detalhadas. Ademais a historiadora apresenta uma tabela que traduz parcialmente como a *Gazeta* transitou em universos distintos em termos de campo e temas que se relacionam com a atuação médica.

Desse modo, pode-se evidenciar que além da higiene pública, que pode ser considerada um guarda-chuva para outras temáticas inseridas nessa seção, a pauta da medicina interna e medicina geral apresentam-se respectivamente como umas das mais arroladas na revista com um total de 245 e 217 artigos publicados. O que também sugere haver uma gama de especialidades que estariam embutidas no rol dessas seções. Ademais, o estudo revela que o tema da bibliografia figurava nas páginas da revista com 190 textos e as biografias e necrologias, gêneros textuais típicos da época, estiveram presentes no periódico de forma significativa com 84 apresentações dessa natureza (Schwarcz, 1993, p. 204).

O levantamento indicado demonstra uma relevante contribuição para a história da GMB e da comunicação científica brasileira e baiana. Contudo, como forma de aprofundar essa investigação, observa-se no Índice Cumulativo citado que outros aspectos estão intrínsecos aos já publicados por Schwarcz (1993). Temas como o ensino superior, a saúde infantil, ou pediatria como passou a ser denominada, a saúde mental, o alcoolismo, parasitologia, helmintologia, Sífilis, Ginecologia e Obstetrícia além de diversas temáticas ligadas à medicina não foram apresentadas de forma detalhada. Essa ausência sugere que a pesquisadora buscava apenas demonstrar a participação da *Gazeta* na ciência no âmbito da medicina legal, evitando as minúcias da sua trajetória.

Já a Tabela 1 revela que o tema da infância figurou em diversos anos de circulação da revista, demonstrado também por meio do Índice Cumulativo da *Gazeta*.

Tabela 1 – Quantidade de artigos sobre Infância por década na GMB

Década	Nº de artigos	%
1870	15	16,5
1880	19	21
1890	3	3,3
1900	7	7,7

1910	32	35
1920	13	14,3
1930	2	2,2
Total	91	100%

Fonte: adaptado de Sant'Anna e Teixeira (1984)

Observa-se que 91 artigos foram publicados entre 1870 e 1930 referente à infância, quase uma centena de textos específicos, inseridos em seções como higiene pública. Desse modo, por ser extensa a quantidade, apresentei os números relativos a essas publicações na Tabela 1 por década, com o intuito de dimensionar a atenção atribuída ao aspecto médico, social e políticos da criança, adolescentes e menores, como são identificados em diferentes pontos históricos na revista.

Assim, é possível observar que as décadas mais expressivas no que compete a publicações sobre a infância na GMB foram 1870, 1880, 1910 e 1920, com relevância para a década que descortinava o século XX, com notório relevo em relação às outras. Pontua-se, portanto, que houve um movimento quantitativo relacional entre essas décadas, tanto no século XIX, que se ampliou, quanto no século XX, que reduziu.

Os anos mais expressivos se apresentam de forma sequencial, demonstrando um fôlego para essa perspectiva, que por alguma razão foi ampliado entre eles no século XIX, seguido de significativa redução. Contudo, no limiar do século XX percebe-se uma ascensão no quantitativo dessa temática, a partir de 1910, e posterior redução na década de 1920, quando as primeiras revistas de pediatria surgiram em 1923, (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2024), o que se correlaciona com a baixa de publicações na GMB a respeito da saúde infantil até a suspensão em 1934.

Diante dos dados observados entre 1870 e 1932 o maior quantitativo de artigos publicados a respeito da saúde infantil se apresenta em dez desses anos. Assim, no ano de 1876 foi publicado sete artigos sobre crianças. Vale salientar que esse foi o ano de retorno da GMB após 18 meses fora de circulação por questões financeiras e ausência daquele que se tornaria o mais durador diretor da GMB, Dr. Antonio Pacífico Pereira.

Já nos anos de 1883, 1915, 1916, 1918 e 1927 foi publicado um total de cinco artigos em cada ano. Por sua vez, o ano de 1917 apresenta oito artigos sobre doenças ocorridas em crianças, ainda que alguns títulos não façam referências a essa faixa etária, as quais foram conferidas na leitura minuciosa do texto na GMB, o que é considerado razoável, visto que a especialidade já se constituía como campo científico (Moreira, 2017).

Desse modo, percebe-se uma ativa participação do médico Martagão Gesteira, no investimento para que a questão pediátrica não deixasse de figurar nas páginas da GMB, publicando sete artigos entre 1915 e 1917. Em 1878 e 1914, quatro textos sobre doenças infantis circularam na GMB, já em 1925 foram três artigos nessa temática. Todavia, os outros anos apresentaram um ou dois artigos sobre assuntos relacionados às crianças.

Embora esteja associado à questão da higiene pública, percebe-se uma preocupação com as condições sociais da criança, tanto no que compete o trabalho em indústrias, quanto aos aspectos intrínsecos para a permanência na escola. Ainda que possa parecer uma intervenção médica no âmbito escolar, considero como um cuidado necessário de orientações preventivas para mitigar a proliferação de doenças como gripe, diarreias, conjuntivite e outras adquiridas pelo contágio, de ampla ocorrência no ambiente escolar, dado o contato físico das crianças.

Conforme sustenta Coelho (1999), desde 1877 já era possível observar a existência da medicina por especialidades, a exemplo daquela destinada aos recém-nascidos e crianças, considerada como uma medicina voltada para o público infantil. Ao estudar a ascensão da pediatria na Bahia enquanto uma especialidade médica a pesquisadora Virlene Moreira aponta que,

[...] a reivindicação de um lugar autônomo da pediatria no país não se deu pela infância, e sim a partir de questões científicas, no contexto da medicina experimental, em que os médicos cientistas entendiam que quanto mais reduzido o campo de pesquisa maior a probabilidade investigativa (Moreira, 2017, p. 7).

Esse é um argumento sob o qual esta investigação contesta. Artigos da *Gazeta* relacionados a crianças demonstram a preocupação dos médicos com os aspectos físicos, biológicos e sociais da população infantil de forma ampla. Ao adotar a pediatria como uma especialidade médica, a comunidade científica buscava atender a uma população com especificidades inerentes a faixa etária, de modo que a criança não fosse tratada como um adulto, e sim a partir de características próprias da idade. Diferentemente disso, outras especialidades médicas surgiram para fragmentar o estudo do corpo humano, a fim de que a compreensão das enfermidades fosse facilitada.

Ademais, Virlene Moreira destaca que “A reforma do ensino médico de 1879 impunha uma série de medidas que visavam dotar as faculdades de medicina de condições básicas a uma formação médica pautada no exercício prático” (Moreira, 2017, p. 66). Entretanto, a pediatria só teve uma cátedra instituída nas faculdades de medicina na

década de 1880, por meio da Lei nº 3.141, de 30 de outubro de 1882, apresentada pela GMB em novembro daquele ano (Gazeta Medica da Bahia, 1882).

Essa lei, além de especificar as despesas do império para os anos de 1882-1883 e 1883-1884, apresenta a consolidação da reforma do ensino médicos, ao apontar a criação das especialidades nas faculdades de medicina no Brasil. Destaca-se, portanto, que essa lei foi divulgada por meio de uma publicação na GMB logo em seguida, no mês de novembro de 1882, como forma de debater a legislação concernente a medicina.

Desse modo, foram instituídas as seguintes cátedras: anatomia e physiologia pathologica; clínica oftalmológica; clínica medica de adultos; clínica cirúrgica de adultos; clínica de moléstias medicas e cirúrgicas de crianças; moléstias cutâneas e syphiliticas e moléstias mentaes. Na Bahia, a especialidade denominada de clínica de moléstias médicas e cirúrgicas de crianças (pediatria), foi ofertada a partir de 1885, pela iniciativa do médico Frederico de Castro Rebelo, que era professor concursado da especialidade de clínica médica.

Entretanto, verifica-se debates em torno dessa temática na GMB desde 1870, quando foi publicado o primeiro artigo sobre a infância, intitulado por *Projeto de instruções sobre a higiene dos recém-nascidos* (Gazeta Medica da Bahia, 1870). Já o concurso para a cátedra da pediatria somente foi autorizado em 1887, tendo sido aprovado o professor Frederico Rebelo para a referida cátedra e tornando-se o primeiro professor titular de pediatria na Bahia.

Nos anos que se seguiram, a pediatria enfrentou diversos contratempos, posto que diante de dificuldade de dotação orçamentária, a medicina infantil tornava-se alvo de ataques para sua destituição. O professor titular de pediatria, Dr. Frederico de Castro Rebelo, chegou a acusar os membros da Congregação da Faculdade de Medicina, no ano de 1892 de “[...] estar na contramão dos avanços científicos, não apenas por negligenciar os estudos médicos por especialidades” (Moreira, 2017, p. 72), como por outros pontos de ordem relativa ao quadro de pessoal assistente. Desse fato, dentre outros arrolados pela reforma de 1879, como a questão de laboratórios adequados para execução de aulas práticas, nasceram às perspectivas para os estudos especializados em detrimentos dos generalistas observados até aquele período.

Um aspecto importante a se notar foi o interesse da direção e redação da GMB na discussão acerca do ensino universitário no Brasil, o que de certa forma contemplaria o campo médico e possibilitaria uma perspectiva ampla no arcabouço educacional dos aspirantes a doutores em medicina. Constata-se, um acirrado debate acerca da educação

superior brasileira e do ensino médico que circulou na *Gazeta*, na qual ao menos 35 textos foram publicados entre 1878 e 1972 sobre esse tema (Santos; Rosa, 2025).

Desde 1880 já se discutia na revista a questão do ensino médico e a criação de uma universidade no Rio de Janeiro, além de projetos que contemplassem não apenas a Capital do país, mas também outros estados produtores de conhecimento, seja no Direito, nas Engenharias e na Medicina, como a Bahia. Entretanto, a concretização dessa expectativa educacional somente ocorreu 40 anos mais tarde, sob o regime de governo Republicano, por meio de iniciativas corroboradas por novos pontos de vista para a constituição de uma instituição universitária (Cunha, 2007).

A *Gazeta Médica da Bahia* contribuiu com o debate acerca da criação das universidades em um período de intensas movimentações no campo político brasileiro. A década de 1880 foi marcada pelo acirramento econômico, insatisfação por parte da elite brasileira, detentoras de terras, e as mobilizações em torno do enfraquecimento da monarquia alcançava seu ponto crítico, que culminou com a deportação do Imperador D. Pedro II, em 1889. Esse cenário não favoreceu a criação de uma universidade brasileira, pleito antigo, posto que o Brasil foi um dos últimos países a fundar uma instituição universitária na América Latina, mas a discussão sobre o tema foi intenso (Cunha, 2007).

Em meio aos acontecimentos, algumas reformas ao ensino superior, em particular, ao ensino da medicina foram evidenciadas na década de 1880, sem as devidas efetivações na prática, o que gerou um crescente descontentamento por parte de representante da Faculdade de Medicina da Bahia, especialmente do Dr. Pacífico Pereira, que exercia o cargo de direção na referida instituição por volta de 1885. Os pesquisadores Virlene Moreira (2017) e Anderson Malaquias (2019) apresentam parte desse contexto, apontando a insatisfação do médico com o tratamento financeiro distinto atribuído pelo governo para com as faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, esta última com orçamento superior e condições de gerir os laboratórios de forma mais condizentes com as necessidades práticas para o ensino da medicina.

De certa maneira a *Gazeta Médica da Bahia* também esteve inserida no debate em torno das especialidades médicas desde os últimos anos do século XIX. Referência nessa temática, Dr. Pacífico Pereira discutiu, problematizou e publicou artigos na GMB em torno das reformas do ensino médico no Brasil. Com um conjunto de artigos intitulados de *Reforma do Ensino Médico* (1893), salientando-se que este foi assinado apenas por (P. P), e *Apontamentos para a história da organização do Ensino Médico na Bahia* (1898), assinado expressamente e escrito em sete partes, buscou equalizar as questões práticas

com as legislações em torno do ensino superior em medicina e registrar o desenrolar desse debate ao longo dos últimos anos do século XIX.

Esses fatos demonstram a capilaridade da revista na tentativa de abarcar múltiplas áreas de interesse tanto científico quanto próprio do exercício médico, como a educação superior universitária. Entretanto, a GMB enfrentou dificuldade de permanência nos anos iniciais do século XX, posto que novas perspectivas de abordagens para a educação e para ciência entraram em voga no Brasil, em que buscavam destituir o aspecto generalista do conhecimento e incentivar a especialidade profissional e educacional.

3 ESPECIALIZAÇÃO DA CIÊNCIA NO SÉCULO XX: REFLEXOS NAS REVISTAS CIENTÍFICAS

O cenário político, social e científico brasileiro passou por múltiplas transformações a partir da Proclamação da República, ainda em 1889. A virada do século representou para o país a oportunidade de inserção na esfera econômica e científica em uma ordem de amplitude global, possibilitada pela ampliação do capitalismo e a industrialização emergente. Entretanto, alguns desafios como o aumento da população, passaram a exigir, em especial no campo médico, maior atenção por parte dos representantes políticos, médicos e sociedade civil (Nagamini, 2004; Sá, 2006).

Ao tratar das tendências da educação médica no século XX, Peixinho (2001) notou que a medicina brasileira passara pela influência estadunidense. Desse modo, destaca um relatório do educador norte americano, Abraham Flexner, do ano de 1910 “[...] sobre a necessidade de reformulação da prática educacional médica” que apontava a efetivação de um “[...] modelo mecanicista para a estrutura do corpo humano, tratando-o como uma máquina” (Peixinho, 2001, p. 74). Além disso, o autor acrescenta que “[...] o modelo implantado favoreceu o desenvolvimento das especialidades médicas, auxiliou na construção de novas tecnologias e constituiu novos campos de estudos básicos, como anatomia e genética, entre outros” (Peixinho, 2001, p. 74).

Além disso, o início do século XX representou uma mudança de mentalidade da elite brasileira no que compete às formas de atuação dos intelectuais em diversos ramos profissionais. De acordo com Dominichi Sá (2006, p. 73) “Em janeiro de 1917, o primeiro número da revista *Braziléia*, chegou ao público carioca prometendo uma verdadeira reviravolta no mundo dos periódicos, diários e magazines da cidade”. Ações dessa natureza

buscavam descredenciar homens “[...] como Rui Barbosa na erudição, Clóvis Bevilacqua no direito, Farias Brito na filosofia” Sá (2006, p. 73), no aspecto das generalidades das suas amplitudes intelectuais e poder de catalisar agentes sociais inseridos em diversas esferas. Além disso, a autora aponta que “Essa reviravolta na história das idéias no Brasil foi encarada no propósito conceito da época como uma profunda divergência entre dois momentos totalmente inconciliáveis” (Sá, 2006, p. 76). Ademais, destaca-se que, “Sérgio Buarque de Holanda e Múcio Leão, por exemplo, chegaram mesmo a elencar essas diferenças, classificando-as como desacordos geracionais, se não mesmo como ‘duas mentalidades que se chocam’, [...] ‘Roteiro de duas gerações’” (Sá, 2006, p. 77).

A esse respeito, a historiadora Germana Barata, que refletiu sobre a comunicação da ciência naquele período, destacou as “[...] mudanças de papel dos periódicos científicos, desde a primeira metade do século XX, e o histórico das contribuições brasileiras para a ciência mundial” (Barata, 2010, p. ix). Assim, Barata evidenciou a necessidade de internacionalização existente no país desde o início daquele século, que de certa maneira influenciava também a forma do intercâmbio científico em âmbito global.

A autora analisou duas revistas científicas de natureza multidisciplinar, a *Nature* e a *Science*, nas quais os pesquisadores brasileiros comunicavam os seus resultados de pesquisa. Percebe-se, portanto, que além da concorrência interna, os periódicos originados no Brasil, escritos em língua portuguesa, em particular a *Gazeta Médica da Bahia*, deparavam-se também com a concorrência internacional.

Vale destacar que Barata (2010) recuperou mais de 600 contribuições de cientistas brasileiros nas revistas *Nature* e *Science*, entre 1936 e 2009. Dessa forma, evidencia-se que o investimento intelectual na publicação internacional esteve aquecido logo após a suspensão da GMB em 1935. Embora essas contribuições não sejam todas da área médica, nota-se que o prestígio profissional e as trocas simbólicas do pesquisador é um ponto relevante a ser considerado, em qualquer área do conhecimento (Bourdieu, 2007).

Dessa forma, publicações realizadas em inglês, idioma tido como dominante na ciência, por sua vez, em uma revista de âmbito mundial, confere status e se traduz em recompensas simbólicas dentro de um campo científico (Bourdieu, 2004, 2007). A esse respeito Población e colaboradores (1979, p. 574) apontaram que “Os autores que atuam nos núcleos mais ativos têm maior facilidade em penetrar nos centros internacionais de pesquisa e tem sinal aberto para publicar no exterior, criando o fenômeno da evasão da contribuição à ciência regional ou nacional”.

Em relação às áreas de publicação nas revistas analisadas por Barata (2010) destaca que:

Os primeiros artigos em ambos os periódicos [*Nature* e *Science*] – do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) (mas que consideramos como hoje pertencendo à Fiocruz) (na *Science*) e Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Instituto Biológico (IB) e Universidade de São Paulo (USP) (na *Nature*) – **dão sinais sobre a qualidade da ciência produzida no período** [entre 1936 e 1940]. Isto é, o país naquele momento já produzia ciência com interesse e, supostamente, rigor para ser aceita em periódicos internacionais (Barata, 2010, p. 14, grifo próprio).

A pesquisadora nota que “É interessante observar o predomínio da produção de institutos de pesquisa, onde o fazer científico era produzido”. Acrescentando que “A pesquisa nas universidades começaria a partir da fundação da USP, em 1934” (Barata, 2010, p. 141), muito em conta pela tardia criação das universidades no Brasil.

A declaração ressoa numa historiografia da História da Ciência associada aos pesquisadores Fernando de Azevedo (1955)² e Simon Schwartzman (1979), que defenderam respectivamente o nascimento da profissionalização do cientista brasileiro a partir da criação da Universidade de São Paulo (USP) e os institutos de pesquisas fundados no século XX, aspecto superado na historiografia da ciência, diante do alargamento das pesquisas desenvolvidas (Dantes, 2001). Entretanto, ainda distantes de investigações sobre instituições não oficiais e fora do eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais, o que abre leques para novos estudos (Vasconcelos, 2024).

Vale destacar a existência de uma controvérsia em torno da criação das universidades no país. Alguns pesquisadores apontam a USP, criada em 1934, como a primeira Universidade brasileira, pelo fato de ter proporcionado o avanço das pesquisas científicas no país, assim como os institutos de pesquisas (Azevedo, 1955; Schwartzman, 1979). Entretanto, antes do nascimento da USP, a Universidade do Rio de Janeiro já havia sido criada, em 1920. Contudo, a instituição não apresentava uma atuação expressiva e estrutura organizacional na pesquisa científica, o que levou a desconsiderarem como uma universidade atuante na pesquisa científica (Cunha, 2007).

A relação das universidades com a especialização científica encontra ressonância no que compete a preparação do profissional em ambientes dessa natureza. De acordo com Pereira (2006), desde os anos finais do século XIX houve “[...] um movimento de

² “Em 1956 o sociólogo mineiro radicado em São Paulo, Fernando de Azevedo, publicou o livro *As ciências no Brasil*, fruto de uma encomenda feita pela fundação Larragoiti. [...] [e] **foi um dos educadores que participou do movimento de criação da USP**” (Vasconcelos, 2024, p. 1, grifo próprio). Vale ressaltar que esse ano refere-se à publicação do volume 2, visto que foi o primeiro volume veio a público em 1955.

problematização da atuação do clínico generalista, [em] resposta ao mercado de trabalho médico em que a segmentação especializada [fosse] elemento inibidor da concorrência profissional” (Pereira, 2006, p. 52). Apostava-se que o potencial de resolução patológica em uma perspectiva especializada funcionaria como um ato preventivo das enfermidades, que além de serem tratadas seriam também prevenidas de forma mais efetiva por meio da especialização médica (Pereira, 2006).

Ocorreu, nesse sentido, um “[...] significado histórico da emergência de novos formatos e gêneros [da comunicação da ciência] que os seus criadores pretendiam levar o conhecimento científico a novos públicos”³ (Csiszar, 2018, p. 14, tradução própria). A movimentação científica em torno da medicina e saúde, em diversas especialidades no início do século XX, ampliou o número de instituições criadas e conseqüentemente, de periódicos fundados nessa época (Freitas, 2005a, 2005b).

A perspectiva epistemológica de compreensão do corpo inserida em um contexto da especificidade, dotando a medicina de áreas específicas e especialidades médicas, proporcionou o nascimento de novas revistas científicas ligadas instituições de ensino, a associações profissionais ou ainda a particulares. Conectadas por especialidades únicas ou congêneres, novas disciplinas médicas buscavam atender a necessidade de informação do pesquisador de forma direta e objetiva.

A respeito disso, Ferreira, Fonseca e Edler (2001, p. 60) apontam que “A tendência à especialização, como forma de divisão técnica da prática médica, tendeu a reforçar-se pelo aparecimento de formas de trabalho referentes a parcelas cada vez menores”, ao passo que acrescentam serem “[...] não menos significativas, da totalidade do processo de diagnóstico e terapêutica”. Assim, o século XX inicia de forma pujante no que se refere ao desenvolvimento científico envolto às especialidades médicas.

Por essa razão, Nagamini (2004, p. 187) destaca que “Para alguns estudiosos, a trajetória histórica de complexos que então se instalam, seja ao redor de institutos de saúde [ou outros] [...] permite qualificar essa fase como a do nascimento da ciência brasileira”. Vale destacar que a pesquisadora se refere ao estudo realizado por Stepan (1976), no qual enfatiza o desenvolvimento da ciência brasileira associada à criação do Instituto Soroterápico, em 1900, e a profissionalização do médico cientista.

³ Texto original (Csiszar, 2018, p. 14). “[...] the historical significance of the emergence of new formats and genres which their creators intended for bringing scientific knowledge to new audiences”.

A representatividade desse instituto para a ciência médica brasileira se traduz na gradual transformação ocorrida ao longo do tempo. Em 1907 o instituto foi renomeado para Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos e dois anos depois, após forte contribuição do médico Oswaldo Cruz, a instituição foi transformada na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)⁴, situada no Rio de Janeiro. A partir disso, verifica-se a criação da Revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, em 1909, destinada a publicar “[...] pesquisas originais nos campos da medicina tropical e parasitologia humana com abordagens da bioquímica, imunologia, biologia celular e molecular e genética”⁵ e que ainda segue ativa no ano de 2025, completando 116 anos de existência.

Dessa forma, constata-se a criação de novos periódicos científicos especializados, que de certa maneira, se tornaram concorrentes de revista fundadas a partir do mercado editorial de outra época, com aspectos relacionados à ciência e à cultura de modo diverso. Em relação à ampliação quantitativa dos canais de comunicação da ciência, Stumpf (1996, p. 3) aponta que “No século XX, o crescimento permaneceu acentuado, devido ao fato das revistas passarem a ser publicadas, também, por editores comerciais, pelo Estado e por universidades”, no qual acrescento os institutos de pesquisa como a Fiocruz. A partir disso, também se verificou a necessidade do controle bibliográfico, que passou a ser estudado pela Ciência da Informação.

4 GAZETA MÉDICA DA BAHIA E O CAMPO CIENTÍFICO DO SÉCULO XX

As modificações do campo científico evidenciadas no início dos anos 1900 encontram ressonância com o ponto de vista da sociedade brasileira da época. O fator social da ciência, que trata da especialização médica no século XX, por meio da perspectiva das especialidades conferiria maior aproximação com o objeto, fenômeno ou caso investigado (Bourdieu, 2004). As revistas originadas no século XIX abarcavam diversos temas em seu escopo editorial, o que as caracterizou como generalista, a exemplo da GMB e a Brazil-Medico (BM), consideradas pela literatura científica como aquelas de maior longevidade e representatividade no campo científico médico brasileiro daquele período (Schwarcz, 1993).

⁴ Cronológicas da Fiocruz. Disponíveis em: <https://portal.fiocruz.br/linha-do-tempo>. Acesso em 21 mar. 2025.

⁵ Dados oficiais da Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/revistas>. Acesso em 21 mar. 2025.

Já nos primeiros anos do século XX percebe-se a criação de sociedades científicas e revistas destinadas a um nicho específico da ciência, particularmente na medicina, direcionadas a distintas especialidades médicas. Inseridas em um contexto republicano, modernista e avesso às generalizações, aquelas revistas adotaram a perspectiva disseminada na época, com a efervescência da especialização, em especial a partir de 1930, década no qual ocorreu a suspensão da GMB (Sá, 2006).

Investigações anteriores apontam alguns dos aspectos que podem se alinhar à suspensão de revistas científicas diversas (Costa, 1989). Ao menos três dos fatores elencados são evidenciados na *Gazeta*: a apresentação de anúncios nas páginas do periódico, que descredencia e reduz a credibilidade no aspecto científico; interrupções ou atraso na edição de novos números, ou seja, a periodicidade não era cumprida, e a necessidade de especialização no início do século XX, que atinge sobremaneira o periódico no conteúdo e na forma de apresentação dos artigos publicados, assim como na sua área de abrangência, que poderia ancorá-lo em uma característica generalista.

Além de concordar com esses apontamentos, pontuo que outro aspecto, vinculado à alteração de títulos dos periódicos, não foi evidenciado na *Gazeta*, que sempre permaneceu com a mesma denominação. Por outro lado, aponto especificamente para a GMB, que fatores de natureza socioculturais apresentam significativa relevância para o fim da circulação do periódico a partir de 1935, ao considerarmos o falecimento de dois médicos remanescentes da fundação da revista e de significativa representatividade, que atuaram tanto como autores de textos publicados na revista, quanto de forma administrativa no periódico.

No Brasil, além das iniciativas particulares para fundação de periódicos científicos de órgãos e associações profissionais, dentre eles a *Gazeta Médica da Bahia*, em 1866, percebe-se que o Governo Imperial decretou o nascimento de algumas revistas para as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro (Britto, 1904). O intuito desse ato impositivo era de registrar as memórias históricas no que compete ao desenvolvimento científico nacional. Destaco que o termo “impositivo” se deve ao fato da inexpressiva aderência a proposta, visto que, aparentemente, a participação acadêmica e profissional foi reduzida e considerada ineficiente em relação ao compromisso com essa iniciativa.

Assim, nasceram os periódicos denominados de *Revista dos Cursos*, publicação oficial das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, que foram criadas por Estatuto, para cada uma dessas instituições, em 1884. De acordo com Britto (1904, p. 12) “Há mais de quinze anos, impõe a lei sua publicação, nos primeiros tempos de dois em dois

mezes (Estatuto de 1884), por fim de anno em anno (Codigo de 1892)". Desse modo, percebe-se que aqueles periódicos iniciaram suas atividades com a determinação de publicações a cada dois meses, o que após oito anos foi alterada para edições anuais, dada a inexistência de conteúdo que contemplasse as expectativas oficiais para tais canais de comunicação da Ciência no Brasil.

Segundo Moreira (2017, p. 82) a "Revista dos Cursos, em 1904, foi de extrema relevância. Criada pelo regimento de 1884, só conseguiu se materializar vinte anos depois", e ainda assim, com o intuito de fazer circular as publicações dos professores da Faculdade de Medicina da Bahia. Todavia, ainda que possuísse um caráter institucional, o periódico se manteve no cenário da comunicação da ciência baiana por menos de uma década em circulação, sendo extinta em 1913.

Em relação ao objetivo para a criação desses periódicos, o médico Alfredo Britto, destaca que as revistas destinavam-se "[...] às memórias originais sobre assuntos concernentes aos estudos práticos e às pesquisas e investigações de utilidade evidente feita nos laboratórios, bem como às observações e lições sobre os casos importantes das clínicas" (Britto, 1904, p. 13). Além disso, o autor ressaltou que os laboratórios disponíveis para aulas práticas na Faculdade de Medicina da Bahia não atendiam às expectativas do que poderiam considerar satisfatório para estudos experimentais, dadas as condições precárias.

O autor destaca que a *Revista dos Cursos* prestou-se a "[...] mero enfeite decorativo na ornamentação literária da nossa legislação do ensino" (Britto, 1904, p. 13). A partir disso, verifica-se o quão destoantes eram as ações existentes para a Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Para esta última menciona-se a existência de verba em um primeiro momento, porém sem a presença de conteúdo para publicação, posteriormente a verba também se tornaria inexistente. Assim, o Dr. Alfredo Britto, autor da referida memória histórica acrescenta que:

A Faculdade do Rio, melhor dotada no que respeita ao ensino pratico e aos meios de investigação e de analyse, conseguiu publicar, nos primeiros tempos, alguns numeros excellentes, durante a sabia e fecundissima administração do conselheiro Saboia, que pode, com toda razão, ser relativamente considerada como a idade de ouro - daquela Faculdade (Britto, 1904, p. 13).

Contudo, em 1891 a circulação da *Revista dos Cursos* foi interrompida. Observa-se, na finalização do ciclo de publicação desse periódico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, uma declaração do diretor da instituição que nos acende um alerta e que

reforça, tanto a característica da oficialidade de algumas revistas do meio acadêmico e científico no Brasil, quanto a efemeridade desses canais de comunicação da ciência e o incentivo ao desenvolvimento científico brasileiro. Assim, de acordo com memorialista, o diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acrescentou que:

A Revista dos cursos da Faculdade de Medicina é um título de aferição da sciencia official, nella é que se hão de apurar os elementos do seu progresso. Mas producções deste jaez só podem vingar em paizes onde o espirito scinetifico é um valor, uma força, uma raliadde, uma evidencia. Será este o nosso caso? Não perpetro a injustiça de o afirmar (Britto, 1904, p. 13).

Por outro lado, Dr. Alfredo Britto aponta dados relativos às dimensões editoriais que conduz a algumas reflexões, ao destacar que:

O jornalismo scientifico compuplsorio, affecto às obrigações severas do professorado, com os seus escriptores ad-hoc, o seu texto medido, a sua dose mathematica de paginas, de linhas e de letras, segundo o compasso implacavel dos Estatutos, não é ainda, para o nosso meio, fructo sazonado; é necessario esperar-lhe o tempo idôneo (Britto, 1904, p. 13).

Essa declaração remete ao jornalismo científico não oficializado, conduzido pelos integrantes da Escola Tropicalista Bahiana, fundadores da GMB. Ao tempo que não estavam institucionalizados, possuíam liberdade editorial no que compete às características apontadas pelo Dr. Britto para revistas oficiais, assim como a respeito das pautas e assuntos a serem abordados nas edições. É nesse ponto que se enquadra a *Gazeta Médica da Bahia*, com o seu perfil aguerrido em torno de diversos temas médicos e educacionais, conforme verificados ao longo das páginas da revista.

Outro ponto identificado diz respeito ao tempo propício para a adequação de tais aspectos referentes às publicações científicas, que desde o final do século XIX as instituições oficiais almejavam implementar. Percebe-se que apenas no século XX essas características passam a emergir no cenário da comunicação da ciência do Brasil, e também é a partir desse momento que a GMB inicia o seu processo de decadência, descrédito e consequente desaparecimento do circuito editorial médico científico.

É evidente que a limitação econômica e ausência de adequação aos aspectos culturais de algumas revistas, no século XX, culminariam com a seleção natural dos canais de comunicação da ciência. Os periódicos em circulação e outros que emergiram no decorrer do século XX, buscavam na “[...] consolidação do artigo científico [a] correlação [da]

emergência do autor científico como uma identidade distinta”⁶ (Csiszar, 2018, p. 9, tradução própria).

A busca pela higiene pública, saneamento, urbanização e por melhores condições de sobrevivência da classe trabalhadora, característicos do início do século XX, exigiram novas atitudes da classe médica. O aprimoramento e a especialização por segmento médico conferiram grau de especificidade, de modo que possibilitou a fundação de inúmeras sociedades profissionais e seus respectivos canais de comunicação da ciência. Dessa forma, evidencia-se um crescimento em torno da criação de revistas e periódicas científica, que de certo modo, era e ainda é, o suporte no qual os cientistas buscam a legitimação pública para a atividade desenvolvida.

Assim, “Mesmo quando os profissionais científicos se associaram na prática a grupos profissionais cada vez mais qualificados, a sua capacidade de falar de forma credível sobre a natureza continuou a depender da legitimidade do público universal”⁷ (Csiszar, 2018, p. 15, tradução própria). Alinhado a essa questão, relaciono a emergência e nascimento desses canais da ciência ao processo de autonomização⁸ de Bourdieu (2007). O sociólogo aponta para alguns aspectos da legitimação profissional de modo geral, ao qual introduzo uma perspectiva voltada para os médicos e seus diversos ramos de atuação no século XX, que buscava uma efetiva concretização da autoridade e autonomia científica. Assim, concordo com Bourdieu quando destaca que:

[...] a constituição de um público de consumidores cada vez mais extenso, socialmente diversificado, é capaz de propiciar aos produtores de bens simbólicos não somente as condições mínimas de independência econômica, mas concedendo-lhes também um princípio de legitimação (Bourdieu, 2007, p. 100).

A produção de conhecimento especializado tornou-se uma exigência do campo científico, diante dos avanços tecnológicos e da emergência de respostas mais céleres e objetivas a problemas de ordem local, nacional ou internacional. Desse modo, Csiszar (2018) adverte que além do formato e do gênero das publicações possuírem consequências epistêmicas, apresentam também consequências de ordem política para a comunidade científica. Assim, acrescento que “[...] a constituição de um corpo cada vez mais numeroso

⁶ Texto original (Csiszar, 2018, p. 9). “[...] the consolidation of the scientific papear had as its correlate the emergence of the scientific author as a distinctive identity”.

⁷ Texto original (Csiszar, 2018, p. 15). “Even as scientific practitioners came in practice to be associated with ever-more-rarified professional groups, theirs ability to speak credibly about nature continued to dependo n the legitimacy of the universal public”.

⁸ Ato ou efeito de tornar-se autônomo.

e diferente de produtores e empresários de bens simbólicos cuja profissionalização [...] definem as condições de acesso à profissão e de participação no meio”, tornou-se mais evidente e necessário (Bourdieu, 2007, p. 100).

Por outro lado, “[...] a multiplicação e a diversificação das instâncias de consagração pela legitimidade cultural, [...] como as editoras [...] influi sobre a própria vida intelectual” (Bourdieu, 2007, p. 100). Assim, no decorrer do século XX observa-se a multiplicidade de revistas científicas. Pesquisador da comunicação científica e da História da Ciência, Alex Csiszar apresenta que:

[...] naqueles momentos quando as normas e formas de comunicação especializada foram mais duvidosas são precisamente aqueles momentos em que os praticantes científicos buscaram – ou foram forçados – a renegociar seu status público dentro de um contexto político mais amplo⁹ (Csiszar, 2018, p. 3, tradução própria).

Portanto, para ampliar a exemplificação da concorrência interna, apresento mais algumas revistas que nasceram no Brasil, no bojo da efervescência científica do Século XX, que de certa maneira foram concorrentes da GMB ou passaram a existir após a sua suspensão em 1934, ocupando um espaço deixado por aquele periódico. Destaco, dessa forma, que questões relativas à “[...] crise científica [...] não pode ser separada das questões políticas relativas à natureza e ao status da perícia científica nas democracias modernas”, de modo que essa demarcação é transversal ao longo do texto (Csiszar, 2018, p. 4, tradução própria).

A *Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia*, fundada em 1907, pela iniciativa do médico Alberto Ribeiro de Oliveira Mota, permaneceu ativa até o ano de 1978. De acordo com Freitas (2005a) o periódico chegou a se tornar a publicação oficial de diversas entidades, dentre elas a Sociedade Brasileira de Ginecologia entre 1922 e 1929. Intitulava-se como a revista de especialidade com maior longevidade no século XX, e “[...] o primeiro periódico do gênero, o que, nesse sentido, preencheria uma lacuna na literatura médica do país” (Freitas, 2005a, p. 36).

Na década de 1960 passou a “[...] representar o órgão oficial da Federação Brasileira de Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasco)” e “Em 1967, a revista passou a representar também o Centro de Estudos da Maternidade de São Paulo” (Freitas, 2005a, p. 38). Além disso, a autora destaca que:

⁹ Texto original. “[...] that moments when the norms and forms of experts communication have been most in doubt are precisely those moments when scientific practitioners have sought – or been forced – to renegotiate their public status within a wider political landscape”.

Por coincidência ou não, em dezembro de 1935, uma nota anunciava que a Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia passaria a contar com colaborações estaduais, permitindo a cada Estado do Brasil publicar uma verdadeira revista especializada sem qualquer desperdício monetário. Bastava formar uma comissão que angariasse e selecionasse trabalhos originais e inéditos. A idéia teria sido aceita com entusiasmo pelas figuras mais representativas das especialidades nos Estados. [...] em junho de 1938, publicou-se a “Secção dos Estados do Norte do Brasil” (Bahia ao Amazonas) (Freitas, 2005a, p. 41).

Observa-se por meio da circulação dessa revista uma necessidade da comunidade científica em obter um canal de comunicação que atendesse aos anseios específicos daquele público. Esse fato se descortina em razão da existência de uma seção de Ginecologia e Obstetrícia na GMB desde o final do século XIX, do qual a coordenação da seção era exercida pela Dra. Francisca Prager Fróes, a única mulher a ter esse cargo e a publicar na *Gazeta* em sua primeira fase (Rago, 2007, 2008; Santos, Barbosa, 2023).

Em outra temática, observa-se a fundação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) no Rio de Janeiro, em 1910, pelo médico “Antonio Fernandes Figueira, que foi seu presidente vitalício até 1927” (Moreira, 2017, p. 202). Inicialmente, os médicos associados “[...] **publicaram artigos em diferentes veículos de comunicação da área médica até que, em 1923**, Álvaro Reis criou a *Revista Brasileira de Pediatria*, publicação oficial da SBP” (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2024, grifo próprio). Nesse ponto, pode-se enquadrar a GMB como um dos periódicos pelos quais essas publicações alçaram voos.

Anos mais tarde, “Em outubro de 1928, Dr. Américo Augusto fundou a revista mensal de clínica, higiene infantil e puericultura intitulada *Arquivos da Pediatria*” (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2024). Ademais, em 1934 foi criada pela SBP, a revista *A Pediatria*, pela qual é possível percorrer a história dessa especialidade no Brasil. Esse fato demonstra que até mesmo dentro de uma especialidade médica existia a necessidade de novos suportes para publicação, além da concorrência direta pelo recebimento dos artigos a serem publicados diante do entusiasmo pela legitimação.

Mesmo com o investimento de intelectuais e cientistas sociais dos primeiros anos do século XX, que buscavam instituir a especialização como mola propulsora para o desenvolvimento nacional (Sá, 2006), o que de certo modo atingia a GMB, com suas características generalistas, a revista ainda possuía um percentual significativo de textos que versavam a respeito da saúde infantil em seus diversos aspectos. Assim, a infância figurou nas páginas da *Gazeta* de forma contundente, expressando o desenvolvimento

científico em torno da saúde infantil na Bahia e a atuação de médicos ainda hoje lembrados pelos seus feitos, que empresta o nome ao hospital da criança em Salvador.

O médico Martagão Gesteira, renomado doutor dedicado aos cuidados infantis, publicou um texto na GMB intitulado *Lição de abertura de curso de Clínica Pediátrica Medica*, em 1915, no qual destaca as suas percepções acerca da pediatria configurar na espera das especialidades. Desse modo, reproduzo na íntegra, tais considerações por entender que são relevantes e reveladoras para as discussões aqui realizadas.

Com effeito a lei que rege actualmentne o ensino medico, divide em duas classes as cadeiras de clinica, designando pelo título de clinica geraes aquellas a cujo conhecimento faz obrigados todos os médicos, taes como clinica medica de adultos, a cirurgia, a obstetrícia e a de moléstias nervosas, e clinica especiaes, ou especialidades, entre as quaes a oftalmologia, a otorhino-latyngologia, a gynnecologia e a pediatria, julgados pela lei, ao que parece, como elementos de segunda ordem na instrução geral do pratico, uma vez que não tornou o exame, para ellas obrigatório (Gesteira, 1915, p. 58).

Observa-se que o médico discorda das orientações impetradas por lei quanto ao tratamento dispensado à pediatria por entender que o campo constitui-se de uma esfera ampla no tratamento realizado às crianças. Assim, acrescenta que considera a denominação da expressão especialidade como algo negativo, visto que “[...] uma vêz que julgo o seu estudo tão necessário à instrução do profissional quanto o das clínicas medicas e cirúrgica gerais, até porque, como de sobejo o provam as estatísticas, as crianças constituem 1/3 dos doentes da clínica geral” (Gesteira, 1915, p. 59).

Esse fato fica evidente pela quantidade de textos publicados na GMB que giram em torno da saúde infantil, o que demonstra a existência de um nicho que deveria ser estudado de forma ampla. Ademais, a criança não se trata de um adulto em miniatura e sim de um indivíduo dotado de características específicas e próprias da faixa etária, compreender as suas necessidades pelos médicos foi à reivindicação do Dr. Gesteira.

Essa especialidade foi selecionada por se tratar de uma temática com abrangência de publicações também na GMB. A saúde mental, objeto da psiquiatria, com seção própria na revista, e a medicina legal, foram temas também de interesse e que figuraram nas páginas da *Gazeta*. Entretanto, com o nascimento de associações específicas para essas áreas da medicina os números de artigos publicados foram sendo reduzidos de maneira geral. Todavia, na pediatria observa-se um crescimento incomum.

No caso da medicina legal, sob a qual a comunidade científica refere-se ao médico Raimundo Nina Rodrigues como o “pai” dessa especialidade no Brasil, destaca-se o fato

do referido doutor ter sido integrante da “Escola Tropicalista Bahiana” em sua fase de declínio, como aponta Barros (1998). O pesquisador atribui à saída do Dr. Nina Rodrigues do grupo tropicalista como umas das causas da decadência da perspectiva epistemológica do coletivo de pensamento que se constituiu desde a década de 1860. Nesse sentido, destaca-se que:

[...] a partir de 1896, a Escola Tropicalista Baiana entra em decadência [...]. Um de seus pesquisadores é o médico Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) que abandona o projeto quando constata que não existe, na Bahia, possibilidade de se efetuar pesquisa rigorosamente científica, **por falta de pessoal especializado** (principalmente bacteriologistas com sólida formação), equipamentos de laboratório (microscópio etc.), materiais e recursos à altura da nova ciência que se descortinava com as descobertas de Pasteur, Koch, Claude Bernard e outros (Barros, 1998, p. 442, grifo próprio).

O autor apresenta que “Em 1897, Nina Rodrigues aponta a decadência do ensino teórico e prático na Faculdade de Medicina da Bahia, afasta-se completamente das pesquisas junto à Escola Tropicalista Baiana e encerra a carreira de patologista de doenças tropicais”. Acrescenta, portanto, que “Este momento pode ser considerado o marco de encerramento da Escola Tropicalista Baiana” (Barros, 1998, p. 442).

Nota-se que o médico conhecido pela sua associação com a medicina legal, participara do grupo formador da GMB, atuara na revista como redator, contudo, enveredou em um determinado momento para uma temática que considerava mais promissora de desenvolvimento na Bahia. Nesse ínterim, o médico Nina Rodrigues “Assumindo a Cátedra de Medicina Legal em 1895, fundou de início, a Sociedade de Medicina Legal da Bahia e, em consequência, como órgão de publicidade a *Revista Médico-Legal*” ambos também em 1895 (Pacheco, 2007, p. 145).

Entretanto, o que se percebe com o discurso do Dr. Nina Rodrigues, apresentado por Barros (1998), ao abandonar a linha epistemológica das doenças tropicais e se inserir no campo da medicina legal de forma mais ampla, é que o espaço da GMB não comportava tais perspectivas. Embora tenha publicado alguns artigos na *Gazeta*, o estilo de pensamento do grupo não estava em compatibilidade com as aspirações do médico. Desse modo, o Dr. Nina Rodrigues fundou uma sociedade e periódico específico como forma de contemplar a visão da área em ascensão. Por essa razão, discordo da máxima que aponta a GMB como condutora e suporte para medicina legal na Bahia, posto que essa temática não se apresente na revista de forma significativa após a saída do médico.

A respeito da institucionalização da medicina legal no Brasil, Miziara, Miziara e Muñoz (2012, p. 70) ressaltam que foi “Oscar Freire, discípulo de Nina Rodrigues, no ano de 1918, quem [levou] para São Paulo os ensinamentos desta ‘escola baiana’, por meio de uma atividade docente, de pesquisa e pericial”. Além disso, apontam que:

No campo científico, a Medicina Legal será consolidada, por sua expressão institucional, por meio da criação de associações e sociedade, publicação de periódicos dedicados à disciplina, bem como a realização de eventos congregando todos os praticantes da especialidade, notando-se, no decorrer da década de 20 do século passado, uma intensa atividade organizacional. [Ademais, acrescenta que] A Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, por exemplo, será instalada [...] em 1921 [e] fundaram a Revista Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo – que circulou entre 1922 e 1924, ampliando seu espectro institucional e editorial a partir de 1929 (Miziara; Miziara; Muñoz, 2012, p. 71).

Observa-se, portanto, que embora tenha existido sociedades e revistas específicas de medicina legal, de certo modo, concorrentes da GMB, a revista não se restringia a essa perspectiva investigativa, conforme aponta a pesquisa de Schwarcz (1993). Ainda que fosse do interesse dos redatores e da direção da *Gazeta* permanecer com as publicações de artigos relativos a essa temática, o nascimento de tais periódicos configura-se como uma concorrência editorial que projeta o aspecto da especialização em torno daquele campo científico. Assim, revistas de diversas especialidades contribuíram para a suspensão da GMB a partir de 1935, seja por falta de engajamento ou por inanição da direção do periódico que não intensificou as mudanças necessárias para permanência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos políticos e culturais, o Brasil na década de 1930 mergulhou em um movimento literário que criticava a generalidade no campo educacional e científico. Assim, incentivou a especialização como forma de adequação à modernidade e às transformações decorrentes das tecnologias, seja no campo dos transportes, comunicações e profissões. Capitaneado por nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre e outros, a especialização passou a figurar como a mola propulsora para o desenvolvimento nacional, que tinha na ideia de melhor valia do tempo a premissa para a manifestação da modernidade (Sá, 2006).

Desde meados da segunda década do século XX, avistou-se no Brasil, por meio da imprensa carioca e de intelectuais da área social, certo descrédito ao aspecto educacional

amplo, contemplativo e de arcabouço geral. A integração das ciências com as humanidades sofreu críticas contundentes de parte daqueles que se dedicavam aos estudos a respeito da civilização, desenvolvimento e pensamento social brasileiro.

Embora críticas a ações em torno da educação secundária fossem impetradas, especificamente no que compete às flexibilizações dos estudos das humanidades, o decorrer dos anos iniciais do século XX foram de significativas movimentações em torno do campo científico, com os incentivos às especializações profissionais. De acordo com Dominichi Sá (2006, p. 78) “Era contra essa combinação entre ciências e humanidades clássicas, com especial prejuízo das primeiras, que Azevedo estava a reagir”.

Ademais, “A mobilidade dos tempos modernos não coadunava mais, no entender dos aspirantes à especialização, com tanta impenetrabilidade de idéias, com a perda de tempo que o menino constante dos textos requeria para sua decifração” (Sá, 2006, p. 78). Esses aspectos demonstram uma supervalorização à educação tecnocrática, voltado à maximização da técnica e especialidades, em particular nas ciências e tecnologias, em detrimento de uma educação intelectual humanística, que promovia no indivíduo um conhecimento apurado em torno de matrizes diversificadas do saber.

Entretanto, observa-se que o incentivo a “[...] especialização das atividades e funções, [o] encanto com a técnica que os distanciavam do ritmo da natureza, [além da] positividade da divisão do trabalho [...] [atestavam] o padrão de progresso de uma sociedade” (Sá, 2006, p. 82). Por fim, destaca-se que a generalidade intelectual passou a ser considerada como significado de desprestígio social, em tempos de valorização das especialidades. O que se percebe no decorrer do século XX em diversas frentes.

A “[...] *Gazeta*, sob a batuta de Pacífico Pereira, centrou-se na divulgação de trabalhos nacionais e estrangeiros produzidos sob a égide da medicina experimental; alertou sobre a precariedade do ensino médico e as deficiências da legislação sanitária” (Malaquias, 2019, p. 263). Embora o conjunto de artigos intitulados, *Aos médicos deputados – reformas necessárias à legislação sanitária e ao ensino medico*, publicados em 1877, não possua assinatura, Malaquias (2019) aposta que tenham sido escritos pelo doutor Pacífico Pereira, posto que exercia o cargo de diretor da revista na época.

De todo modo, o autor dos artigos endereçados aos deputados em 1877, apontava que “O bacharelado em letras e o estudo da physica, chimica e historia natural são indispensáveis para a inscrição ao curso medico” (*Gazeta Medica da Bahia*, 1877, p. 5). Por outro lado, dentro desse contexto de reivindicações acerca da reforma do ensino médico, encontrava-se também o reforço da indicação de um instituto bacteriológico na

Bahia em 1894. Assim, constata-se que de alguma forma os componentes da GMB também observavam as transformações no campo científico e buscavam formas de articulação com a esfera legislativa para efetivação da prática médica mais específica.

Entretanto, foi na década de 1930 que se observou um tímido avanço na perspectiva de constituição plena do exercício universitário no Brasil, que contemplava as humanidades e as ciências em conjunto. Embora a pressão fosse acentuada para o exercício da especialização no campo profissional, algumas ações foram relevantes no campo educacional. A criação das Universidades de São Paulo, em 1934 e do Distrito Federal, em 1935, se apresentou como um fôlego de esperança no âmbito acadêmico e científico brasileiro, diante das tentativas com pouco êxito, tanto da Universidade do Paraná em 1912, quanto da Universidade do Rio de Janeiro em 1920 (Cunha, 2007). Contudo, no campo da comunicação científica, a conjuntura do século XX traria decisivas consequências para as revistas científicas generalistas em prol das especialidades.

As três primeiras décadas do século XX foram emblemáticas para a história da GMB. Em 1910 verifica-se o falecimento de um dos fundadores e incentivadores da revista, Dr. Silva Lima, que contribuiu para a longevidade do período, atuando como aglutinador e catalisador da colaboração científica entre a GMB, autores e revistas locais e internacionais. Já na década de 1920 a morte do Dr. Pacífico Pereira apresenta-se como um marco na trajetória da revista. Último remanescente da criação do periódico exerceu a função de direção da *Gazeta* por quase 50 anos.

A partir desse episódio a revista passou para os domínios do médico Aristides Novis (1885–1953), conforme apontado pelo próprio doutor em carta endereçada ao médico e amigo Dr. Arthur Ramos, em 1933, na qual expressava ter recebido a *Gazeta Médica da Bahia* como uma filha adotiva (Novis, 1933). Contudo, já no editorial da revista de 1923 observa-se a concretização dessa transferência, que apontava a “[...] direcção e propriedade exclusivas do Dr. Aristides Novis, seu Director-Effectivo”, (*Gazeta Medica da Bahia*, 1923, p. 296). Assim, sob essa direção, a revista foi suspensa a partir de 1935, década que ficou marcada como aquela em que a GMB foi extinta do cenário científico.

Faltou a GMB na década de 1930 uma adequação ao cenário social da ciência daquele momento histórico do país, com dedicação enquanto médico e cientista para comunicar os avanços científicos de forma integral por parte da direção do periódico. O Brasil passava por inúmeras transformações políticas, científicas e culturais com a chegada do presidente Getúlio Vargas ao poder, e as intenções e interesse políticos do Dr. Aristides

Novis não coadunavam mais com as necessidades intrínsecas para a manutenção de um periódico científico de características amplas como a GMB.

A *Gazeta* ressurgiu em 1966 como homenagem ao centenário de sua fundação. Na ocasião foi transferida da Família Novis para a Fameb, que incorporada a Universidade da Bahia desde sua institucionalização em 1946, também buscou homenagear a instituição pelo vigésimo ano de criação com a incorporação de uma revista centenária ao acervo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. **As Ciências no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, v. 1, 1955.

BARATA, Germana Fernandes. **Nature e Science**: mudança na comunicação da ciência e a contribuição da ciência brasileira (1936-2009). 2010. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-25112010-102319/pt-br.php>. Acesso em: 19 abr. 2024.

BARROS, Pedro Motta de. Alvorecer de uma nova ciência: a medicina tropicalista baiana. **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, pp. 411-459. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/pH5KwwDM8HHKDNBw568Phst/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRITTO, Alfredo. **Revista dos Cursos**. In: Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia: anno lectivo de 1900 a 1901. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/595776>. Acesso em: 24 dez. 2024.

COELHO, Edmundo Campos. **As profissões imperiais**: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822/1930. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONI, Antônio Caldas. **A Escola Tropicalista Bahiana**: Paterson, Wucherer, Silva Lima. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda, 1952.

COSTA, Antônio Felipe Corrêa da. Estrutura da produção editorial dos periódicos biomédicos brasileiros. **Revista TransInformação**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 81-104, jan./abr., 1989. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1702>. Acesso em: 20 maio 2024.

CSISZAR, Alex. **The Scientific journal**: authorship and politics of knowledge in the nineteenth century. Chicago (USA): University of Chicago Press, 2018.

CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à Era Vargas. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2007.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **As Instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil**. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Froés da; EDLER, Flávio Coelho. **A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX**: a organização institucional e os modelos de ensino. In: DANTES, Maria Amélia M. (org.). *Espaços da Ciência no Brasil 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FREITAS, Patrícia de. Os periódicos médicos: A revista de ginecologia e obstetrícia. **Revista Ágora**, Florianópolis, v. 20, n. 41, 2005a, p. 35 - 49. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/240>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FREITAS, Patrícia de. **Corpos de Mulheres em (Re)vista**: a representação da menopausa na Revista de Ginecologia e d'Obstetrícia 1907-1978. 2005b. Tese (Doutorado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005b. Disponível em: <https://pergamum.ufsc.br/acervo/211888>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. Introdução. Salvador, v. 1, n. 1, p. 1-12. 1866. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/23/17>. Acesso em: 27 mar. 2025.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. Projeto de instruções sobre a higiene dos recém-nascidos. Salvador, v. 4, n. 83, p. 130-132, 1870. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/72/66>. Acesso em: 16 jan. 2025.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. Aos Médicos Deputados: Reformas necessárias á legislação sanitária, e ao ensino medico. Salvador, v. 9, n. 1; 3; 4; 5; 8, p. 1-6; 96-105; 145-151; 193-199; 337-346. 1877

GAZETA MEDICA DA BAHIA. Creação de cadeiras e organização de laboratórios nas Faculdades de Medicina – Pela lei n. 3.141 de 30 de outubro de 1882. Salvador, v. 14; n. 5, p. 234 - 240, 1882. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/230/221>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GAZETA MEDICA DA BAHIA. Salvador, v. 53, n. 7, p. 296, 1923. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/940/922>. Acesso em: 17 jan. 2025.

GESTEIRA, Martagão. Lições de abertura de curso de Clínica Pediátrica Médica em 1915. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador, v. 47, n. 2 e 3, 1915. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/876/858>. Acesso em: 12 jan. 2025.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e História. Tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LIMA, José Francisco da Silva. Discurso proferido pelo Dr. Silva Lima no acto da inauguração do monumento Paterson. **Gazeta Médica da Bahia**, Salvador, v. 18, n. 6, p. 244-248, 1886. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/482/469>. Acesso em: 13 abr. 2024.

LIMA, José Francisco da Silva. O Dr. Paterson, sua vida e sua morte: esboço biographico. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador, v. 18, n. 8, 9, 10 e 11, 1887, p. 337-344, 385-394, 433-439, 481-492. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/485/472>; <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/486/473>; <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/487/474>; <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/488/475>. Acesso em: 13 abr. 2024.

MALAUQUIAS, Anderson Gonçalves. **A trajetória profissional de Antônio Pacífico Pereira**: um estudo de caso sobre a concepção de medicina e ensino na Bahia (1862-1922). 2019. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Educação), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.xhtml?popup=true&id_trabalho=7713623. Acesso em: 27 mar. 2024.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MIZIARA, Ivan Dieb; MIZIARA, Carmen Sílvia M. G.; MUÑOZ, Daniel Romero. A institucionalização da Medicina Legal no Brasil. **Revista Saúde, Ética & Justiça**, São Paulo. v. 17, n. 2, p. 66-74, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/57253>. Acesso em: 25 abr. 2024.

MOREIRA, Virlene Cardoso. **A pediatria na Bahia**: o processo de especialização de um campo científico (1882-1937). Salvador, 2017. Tese (Doutorado - Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: https://ppgefhc.ufba.br/sites/ppgefhc.ufba.br/files/tese_-_historia_da_pediatraia_na_bahia.pdf. Acesso em: 25 set. 2024.

NAGAMINI, Marilda. 1889-1930: ciência e tecnologia nos processos de urbanização e industrialização. In.: MOTOYAMA, Shozo (org.). **Prelúdio para uma história**: ciência e tecnologia no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.

NOVIS, Aristides. **Carta a Arthur Ramos**. Salvador, 1933. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1302482/mss1302482.jpg. Acesso em: 13 out. 2023.

PACHECO, Maria Theresa de Medeiros. A medicina legal na Bahia: início e evolução do ensino. **Gazeta Médica da Bahia**. Salvador, v. 77, n. 2, p. 139-157, 2007. Disponível em: http://gmbahia.ufba.br/adm/arquivos/artigo09_20072%5B1%5D.pdf. Acesso em: 25 abr. 2024.

PEARD, Julyan G. **The Tropicalist School of Medicine of Bahia, Brazil, 1860 - 1889**. (Tese) Columbia University, 1990.

PEARD, Julyan G. **Race, Place, and Medicine: The Idea of the Tropics in Nineteenth Century Brazilian Medicine**. London: London Duke University Press. 1999.

PEIXINHO, André Luiz. **Educação Médica: desafio de sua transformação**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 256 p. 2001. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11847/1/Tese_A.%20L.%20Peixinho1.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

PEREIRA, Antonio Pacífico. As reformas do ensino médico no Brasil. **Gazeta Medica da Bahia**, Salvador, v. 15, n., p. 305–12; 401–7; 545-50. 1884.

PEREIRA, Antonio Pacífico. Reforma do ensino médico. **Gazeta Medica da Bahia**, Salvador, v. 24, n. 10, p. 431- 45. 1893. Disponível em: <https://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/589/574>. Acesso em: 8 dez. 2024.

PEREIRA, Antonio Pacífico. Apontamentos para a história da organização do Ensino Médico na Bahia. **Gazeta Medica da Bahia**, Salvador, v. 29; 30, n. 12; 1; 2; 6, 1898, p. 552-60; 22-6; 68-75; 126-33; 154-63; 227-34; 260-4.

PEREIRA, Júnia Sales. **História da pediatria no Brasil: de final do século XIX a Meados do Século XX**. 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-6X6KSN>. Acesso em: 24 abr. 2024.

POBLACIÓN, Dinah Aguiar et al. Periódicos biomédicos brasileiros; problemas de produção e normalização. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 10., 1979, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Febab), p. 572-89, 1979. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/2054>. Acesso em: 26 abr. 2024.

RAGO, Elisabeth Juliska. **Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836 – 1931)**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

RAGO, Elisabeth Juliska. **Francisca Prager Fróes: medicina, gênero e poder nas trajetórias de uma médica baiana (1872-1931)**. Ciências & saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, n.3, maio/jun., 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/WJSDZMvnnrYmLdB6wzknMMY/#>. Acesso em 05 mar. 2024.

SÁ, Dominichi Miranda de. A Generalidade em Crise. In: **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 73-87, 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41909>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SANT'ANNA, Eurydice Pires de; TEIXEIRA, Rodolfo. **Gazeta Médica da Bahia: Índice Cumulativo 1866-1976**. Salvador: Faculdade de Medicina e Farmácia, 1984.

SANTANA, Celeste Maria de Oliveira. **Comunicação científica na medicina tropical no contexto da ciência da informação (séculos XIX e XX)**. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18157>. Acesso em: 21 abr. 2024.

SANTOS, Adailton Ferreira. **Escola Tropicalista Baiana: registro de uma nova ciência na Gazeta Médica da Bahia (1866-1889)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13391>. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, Adailton Ferreira. **A presença das ideias da Escola Tropicalista Baiana nas teses doutorais da Faculdade de Medicina (1850-1889)**. 2012. Tese (Doutorado em História da Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13277>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SANTOS, Davilene Souza; BARBOSA, Andréa da Rocha Rodrigues Pereira. Uma mulher na Gazeta Médica da Bahia: Francisca Prager Fróes (1872-1931) numa sociedade católica e patriarcal. **Revista Semina**, Passo Fundo, v. 22, n. 2, p. 79-96, 2023. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/14878>. Acesso em: 27 fev. 2024.

SANTOS, Davilene Souza; ROSA, Flávia Goulart Garcia. Universidade brasileira nas publicações da *Gazeta Médica da Bahia* (1878 – 1972). **Revista DisSol - Discurso, Sociedade e Linguagem**. Pouso Alegre, MG, v. 10, n. 23, 2025. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMANN, Simon. **Formação da comunidade científica**. São Paulo: Nacional, 1979.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Jornal de pediatria**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/a-sbp/a-sociedade/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

STEPAN, Nancy. **Gênese e Evolução da Ciência Brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica**. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Passado e futuro das revistas científicas. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, DF, v. 25, n. 3, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/637/641>. Acesso em: 19 abr. 2024.

VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. Historiografia das ciências no Brasil. **Blog a terra é redonda**. [S. l.], 31 dez. 2024. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/historiografia-das-ciencias-no-brasil/>. Acesso em: 7 jan. 2025.

NOTAS

HISTÓRICO

Recebido em: 01/04/2025

Aprovado em: 15/08/2025

Publicado em: 21/08/2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a profa. dra. Flávia Rosa pelas orientações no mestrado e no doutorado.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: D. S. Santos

Coleta de dados: D. S. Santos

Análise de dados: D. S. Santos

Discussão dos resultados: D. S. Santos

Revisão e aprovação: D. S. Santos

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.